

# “O facção transborda as fronteiras e traça o itinerário de novos mapas possíveis”: ativismos da juventude sem-terra

---

*“The machete overflows borders and traces the itinerary of new possible maps”: activism of landless youth*

*“El machete desborda fronteras y traza el itinerario de nuevos mapas posibles”: activismo de jóvenes sin tierra*

**Razón  
y Palabra**

e-ISSN: 1605-4806

VOL 26 N° 114 mayo - agosto 2022 Monográfico pp. 307 - 323

Recibido 31-01-2022 Aprobado 28-04-2022

**Hiran de Moura Possas**

Brasil

Universidade Federal do Sul

hiranpossas@unifesspa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0078-4920>

**Marcelo Carlos Gantos**

Brasil

UENF/CAPES

mgantos@uenf.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1944-0431>

**Adriana Andrade Braga**

Brasil

PUC-Rio

adrianabraga1@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0307-3470>

## Resumo

O texto analisa “antagonismos” culturais, éticos, políticos e morais entre o capitalismo da informação, em valoração de viver bem sob o espectro do homem-empresa, e os arranjos coletivos-emancipatórios dos Movimentos Sociais. As informações advêm de interações presenciais-virtuais junto a sociabilidades camponesas do sul e sudeste do estado do Pará/Brasil. Literatura interdisciplinar e a realização de etnografias permitiram o delineamento das categorias analíticas para as questões sócio políticas abordadas.

**Palavras-chave:** capitalismo da informação. Ativismo. Etnografia. MST.

## Abstract

The text analyzes cultural, ethical, political and moral “antagonisms” between information capitalism, in valuing living well under the specter of the man-company, and the collective-emancipatory arrangements of Social Movements. The information comes from face-to-face-virtual interactions with peasant sociability in the south and southeast of the state of Pará/Brazil. Interdisciplinary literature and ethnographies allowed the design of analytical categories for the socio-political issues addressed.

**Keywords:** information capitalism. Activism. Ethnography. MST.

## Resumen

El texto analiza los “antagonismos” culturales, éticos, políticos y morales entre el capitalismo de la información, en la valoración del vivir bien bajo el espectro del hombre-empresa, y los arreglos colectivos-emancipadores de los Movimientos Sociales. La información proviene de interacciones cara a cara-virtuales con la sociabilidad campesina en el sur y sureste del estado de Pará/Brasil. La literatura interdisciplinaria y las etnografías permitieron diseñar categorías analíticas para las cuestiones sociopolíticas abordadas.

**Palabras clave:** capitalismo de la información. activismo. etnografía. MST.

## 1. Introdução

A reflexão resulta de pesquisas, cujas inquietudes voltam-se para políticas de subjetivação impostas pelo avanço sistemático do capitalismo da informação *pari passu* das insurgências de Movimentos Sociais Substantivos, ambos em coagulação para artefatos cognitivos-semióticos (Berardi, 2005).

Considerações sobre modos de vida, em ritmo da economia financeira, retóricas gerenciais sob o gozo do consumo e breve apresentação do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra e suas redes insurgentes compõem o estado da arte da pesquisa.

A exigência de adequação e o desenvolvimento de competências às análises de ambientes ditos digitais serão tratados na discussão metodológica. Destaca-se a reflexão sobre registros de vivências presenciais-virtuais do MST. O campo etnográfico dos pesquisadores e interlocutores da pesquisa foi delimitado à realização, em 2021, do 15º Acampamento Pedagógico da Juventude Sem-Terra Oziel Alves Pereira.

Os estudos sobre as “educabilidades” políticas permitem o reconhecimento de geografias complexas de solidariedades e de intolerância, fenômenos interativos determinantes às interpretações do jogo democrático brasileiro.

## 2. Revisão da literatura

### 2.1. O capitalismo da informação

Os mitos de Narciso e Édipo, incluindo suas simbioses, sempre impuseram desafios aos analistas dedicados às explicações clínicas e aquelas oblíquas à questão. Essas experiências emocionais, pela potência de suas afecções, transcendem para o corpo social, como em ações do setor empresarial na captura e definição da esfera pública e, conseqüentemente, na calibragem do jogo democrático.

Deleuze e Guattari (2010) atravessados por Spinoza, Marx e Freud, formularam teoria do Estado-poder, a partir de pensamentos sobre a maquinaria do desejo. Toda realidade seria fundante, a partir dos fluxos e da potência do desejo. Assim, são refeitos os quereres mais revolucionários e as transformações impostas pelo sistema de reprodução sociometabólico<sup>1</sup> do capital (Mészáros, 2021).

Nas dimensões políticas, sociais e econômicas há revelações da maquinaria e sua metrificacão, regulagem e evangelho - a polícia, a legislaçãõ liberal, a propriedade privada e a conformaçãõ do trabalho social - de como, quando e onde desejar. Sãõ dívidas e cobranças que se perpetuam junto a empresas e às mercadorias, e os referidos autores provocam estudos para o raio multidimensional dessa biopolítica<sup>2</sup>.

A mão invisível de Adam Smith<sup>3</sup> ou a economia de mercado de Friedrich Hayek<sup>4</sup>, astuciosamente inaptas para regular as demandas sociais, sãõ atualizadas ao *ciberespaço*, seguindo racionalidade que estimula o trabalho de extraçãõ dos subsídios estatais em marcha regulada pelos ritmos da desdemocratizaçãõ. Nessa modalidade contratual de adesãõ, a boa-fé do proponente deseja o fortalecimento da ordem e a exaltaçãõ da máquina do lucro e do dinheiro. Ameaças ao debate democrático pela valoraçãõ da distraçãõ em detrimento do juízo humano: “formas de imunizaçãõ informacionais favoráveis a uma radicalizaçãõ das opiniões e ao desaparecimento da experiênciã comum” (Rouvroy & Berns, 2015, p. 38)

A territorialidade datificada do capital - uma das condições do exercíciõ do seu atual poder - apesar das distopias, reproduz a coexistênciã de segmentos conflitantes da sociedade. Nãõ há, pela interpretaçãõ mais elementar, convivênciã e existênciã, por esse território, menos ou mais pacífica. Constitui-se o Estado compósito, aquele de aparênciã instável, variante e passível da atuaçãõ dinâmica das conexões de seus atores.

As redes de informaçãõ, em significativa medida, indicam territorialidade, cuja formulaçãõ de juízos anseia “humanidade supérflua [...] empresáriõ de si mesmo, plástico e convocado a reconfigurar-se permanentemente em funçãõ dos artefactos que a época

1 A teoria crítica do filósofo húngaro, em complementaçãõ aos estudos de Gramsci sobre a crise orgânica do capitalismo, descreve e analisa sistema totalizante-totalitário estruturado pelo trabalho, capital e Estado.

2 Foucault atualiza teorias clássicas sobre o poder, o Estado e a política. Compreende que o poder nãõ se limita à soberania estatal. O poder é uma rede formada por mecanismos e dispositivos que se espraiam no cotidiano. O poder está nos lugares aparentemente incomensuráveis e desconexos.

3 Economista e filósofo social do iluminismo escocês considerado um dos precursores da economia liberal moderna.

4 O Economista austríaco argumentou que intervenções estatais eram, nãõ apenas arbitrárias, mas destrutivas para a prosperidade econômica e social.

oferece [...] vida psíquica apoiada na memória artificial e numérica” (Mbembe, p. 14, 2014). Subjetividade submissa à lógica dos algoritmos: recriação de públicos calculados com promessas de inclusão, objetividade e imparcialidade.

Essas redes rascunham sujeitos dóceis, obedientes e crentes na sensação de liberdade extremamente vigiada e controlada: prisão digital transparente (Han, 2022). Agora, as escolhas são consideradas voluntárias sob a regência de poder que substitui o ordenamento pelo sussurro. Liturgia psicopolítica para deuses e homens eletrônicos. A verdade repousa na elaboração e controle do maior número de informações. (Han, 2022). A subjetividade estatal derivada das associações com a iniciativa privada constitui-se em *e-government*: governabilidade algorítmica degeneradora de democracia.

O Estado não apenas se compõe hibridamente com empresas, mas passa a se construir também a partir do modelo da empresa e a ter seus programas de ação desenhados e estabilizados por empresas em dispositivos sociotécnicos (softwares, principalmente e hardwares) pensados a partir do modelo de eficiência das empresas. E, dessa forma, por meio da infraestrutura tecnológica, do modelo de ação e avaliação e do governo dos operadores estatais em suas atividades práticas diárias, por meio de programas de ação, consolida-se a governamentalidade neoliberal. E uma normatividade empresarial vai sendo imposta, de diversas maneiras, como “caminho” (quase) obrigatório. (Cardoso, 2018. p.103-104)

São recorrentes subjetividades autocentradas no sucesso individual e nas práticas de egocentrismo radical: poder, riqueza, cirurgias plásticas, juventude, beleza, e grande potencial consumo. Sintomaticamente, esse arremedo de bem viver deseja um corpo social composto de altas ambições e felicidade comprada. Ditaduras da opinião desejam substituir o diálogo, os argumentos e a razoável racionalidade comunicativa. A empresa de si datifica subjetividades na busca da eficácia pela eficácia e na maximização dos objetivos, núcleo normativo dessa racionalidade. Daí, compreende-se a democracia como seu alvo e, portanto, em constante risco. (Dardot & Laval, 2017)

As vivências, em territórios Amazônicos<sup>5</sup>, junto aos povos indígenas e camponeses, permitem dizer que, se há uma zona de imanência da voluptuosidade das pulsões dessa psicopolítica, ela reside nas ações predatórias dos modos de vida e existência de Comunidades Bióticas. São práticas de expropriação atreladas às leis do mercado e aos discursos de preenchimento de vazios, sob a difusão do progresso e da modernização. Históricos de razias - remoções compulsórias e violações territoriais - remontam, desde a exploração do caucho, século XIX, à extração de castanhas; à ditadura civil militar; à extração mineral e implementação de projetos hidrelétricos e agropastoris. Rede corporativa racista e plasmadora de alterocídios.

A plural e desigual Amazônia - região de transfronteira- testemunha campo de forças orgânico-inorgânico de disputas - conformando-se em espaço e tempo-vivido múltiplos, diversos e complexos (Haesbaert, 2004): território da pistolagem; dos massacres de repercussão mundial ou os silenciosos; dos despejos de concentrações fundiárias públicas

<sup>5</sup> Nossa atuação, há alguns anos, delimita-se às regiões sul e sudeste do estado do Pará/Brasil, realizando pesquisas com Povos do Campo e Povos da Floresta.

e privadas e das Terras Indígenas impactadas pelo garimpo e pela passagem agressiva e mortal de trens carregados de minérios, sem desconsiderarmos a execução virtual dessas mesmas práticas violentas.<sup>6</sup>

## 2.2. Redes Insurgentes

A mídia hegemônica-corporativa brasileira desempenha papel estratégico na persuasão dessa cultura político-globalista do pensamento único. Reforça a valoriza competitividade, iniciativas individuais, eficiência técnica e as austeridades: “a naturalização ideológica da economia neoliberal de mercado” (Sodré, 2003, p.35)

Movimentos Sociais, sobretudo operário, sindical e camponês, historicamente formulam pensamento crítico e emancipador às lógicas capitalistas. A radiodifusão, os tabloides e as cartilhas populares foram e, em determinados contextos ainda são, redes de comunicação comunitárias contestadoras de ordenamentos do capitalismo mundial, moderno, colonizante, neoliberal e suas ações de controle laboral e racial. Essas insurgências são marcadas pelos agenciamentos de segmentos intelectuais brasileiros com militantes, política e ideologicamente identificados.

O MST, na elaboração de seu programa político e princípios organizacionais, “bebeu do caldo do internacionalismo” (Stédile, 2022) e dessas associações históricas.

Nossa vontade era aprender com eles. Das Ligas Camponesas do norte da Argentina, das Rodadas Camponesas do Peru, da experiência boliviana com as marchas camponesas indígenas: se marchamos hoje é porque aprendemos com os bolivianos, capazes de caminhar dezenas de quilômetros por dia. Também aprendemos muito com os movimentos equatorianos, de sua grande tradição, sem falar no México: estudei lá quando jovem e pude me envolver nas apropriações de terras do campesinato mexicano e em suas enormes mobilizações em direção ao Distrito Federal. (Stédile, 2022)

Os estudos de Pierre Lévy (1993, p. 83) nos auxiliam numa descrição inicial das plataformas digitais do MST: “uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações”. Para o intelectual francês, coletividades cognitivas auto organizativas abrigam interações de pessoas com técnicas de comunicação e de processamento das representações.

Latour (1996) pensa essas coletividades cognitivas, em processos de mutação, a partir da incorporação de objetos à vida humana. Híbridos explicáveis pelas traduções.<sup>7</sup> Uma rede complexa de atores humanos, biológicos e técnicos - ecologia cognitiva - desprovida, em tese, de autoridades ontológicas.

O forte contexto de incapacidade civilizatória do capital, em crise estrutural na dita globalização, foi determinante para que os coletivos, como o MST, respondessem a esse

6 Não é incomum a circulação de drones nas terras indígenas e nos territórios do campesinato. Práticas de vigilância e pesquisa geológica.

7 Empréstimos e deslocamentos de pensamentos, palavras e artefatos entre as agências ontológicas.

receituário político, econômico, moral e ético fracassado. Eclodiu, em 1985, diagrama político cujas estruturas se conformavam da associação de coletivos da reforma agrária, da atuação de setores progressistas cristãos e das experiências de comunicação popular participativa.

As redes de comunicação do MST são veículos-motorista do pensamento e usuários conteúdos em interações (Wittgenstein, 1999) de pautas contra hegemônicas<sup>8</sup> refutando certeza burra, ingênua, mas incrivelmente eficaz no corpo social.

Ao ser uma mídia radical-alternativa, expande o âmbito das informações, da reflexão e das trocas. Tenta ser mais sensível às aspirações dos excluídos. Expressa com espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço. Com frequência, toma a dianteira na discussão de questões que só mais tarde receberão atenção na mídia corporativa. E, acima de tudo, não é refém da auto censura. (Downing, 2002).

Uma reflexão introdutória sobre Plataformas e Mediações Algorítmicas (Gillespie, 2018) demonstra que o recrutamento das informações obedece a filtros e a uma lógica de predileção de resultados proporcionados por um sistema paralelo ou infiltrante de governança sob a atuação de códigos invisíveis, usualmente chamados de algoritmo, etimologicamente do grego *arithmos*, número em combinações para a resolução de problemas. Transformação da Corporocracia<sup>9</sup> em algocracia: alienação por algoritmos.

As plataformas do MST trabalham em perspectiva de sua redefinição algorítmica. Nas buscas das cinco grandes empresas no Ocidente americanas e nas cinco grandes no Oriente chinesas, recorrentemente os resultados refletem associações ao crime organizado, um sombreamento dos processos de ocupação de concentrações fundiárias no Brasil e suas ações solidárias. Uma leitura preliminar, em ações de busca de temáticas nas plataformas do Movimento, permite encontros com contralgoritmos: subversão, ressignificação e desautenticação de verdades invasivas e infaustas sobre suas ações. Seu alcance e enlace de públicos, por reeducação digital, fazem a questão da reforma agrária alcançar aderência - e não seria de outro modo - com as do racismo, misoginia, heteronormatividade, negacionismo científico e questões climáticas.

### 3. Método

Antropólogos, sociólogos, historiadores, geógrafos, filósofos e pensadores da comunicação, no exercício de uma (boa) etnografia, segundo Peirano (2008, p.3), compõem não meramente “metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida”. Esse diálogo promissor permite o encontro com os “fatos etnográficos”<sup>10</sup> e os

8 Nos seus Cadernos do Cárcere, Gramsci evoca a necessidade de outra discursividade ético-política – o contraditório – para as engrenagens capitalistas, mas é Raymond Williams em *Marxismo e Literatura* que fará referência assertiva à contra hegemonia. Sob desdobramentos da teoria gramsciana, são experiências, significados e valores que não fazem parte da cultura dominante efetiva: formas alternativas e opositoras e práticas humanas que ocorrem fora ou em oposição ao modo dominante.

9 As corporações influenciaram o processo econômico e político, ditando as regras ao jogo democrático de acordo com seus interesses comerciais e o fluxo de mercado. Com a expansão dos algoritmos, a corporocracia constitui-se algocracia: filtragem, predileção de hábitos de navegação e cruzamento de informações dos sistemas algoritmos a serviço das empresas.

10 Expressão cunhada por Evans-Pritchard. Ação que precisa estar dentro do antropólogo por atitudes intuitivas, para criar empatias com interlocutores e possuir certa habilidade literária.

“tempos etnográficos”, como aqueles junto “a teoria em ação” da virtualidade real do MST<sup>11</sup>.

Dos eventos acompanhados, destacamos aqueles realizados durante a pandemia do COVID-19, “Novo coronavírus”, momento insinuante de ressignificação do ativismo. A percepção e a análise das temáticas vistas, ouvidas e interpretadas não ignoraram armadilhas que, eventualmente, podem neblinar os propósitos do analista. Braga (2008) adverte que o foco dos participantes dessas territorialidades, aparentemente, seja a comunicação, mas há práticas mais amplas. Foram evocadas, assim, etnometodologias: preparação teórica para inserção analítica nas plataformas e na utilização das etnografias em ação.

As ciências interpretativas guardam, além da descrição densa de vivências, complexa comunicação etnográfica redobrada de cuidados éticos, inclusive nos interstícios da presença com a *net presença*. Formulou-se, dessa forma, observação também não participante: uma participação muito peculiar, redimensionando o participar, observar e o descrever número imensurável de informações acessadas com rapidez:

os arquivos organizados, as interações estabelecidas, os compromissos firmados e os sentimentos provocados neste ambiente são reais por participarem efetivamente da vida das pessoas envolvidas [...] a tentação de uma mera transposição não problemática dos pressupostos da observação participante com relação às atividades on-line, uma vez que na internet, é possível uma “observação não-participante”, por exemplo. Outro risco consiste em assumir que a atividade on-line ocorre somente on-line. (Braga, 2008, p.91-97)

Pelo complexo campo etnográfico e o desafio de elaborar, por signos, a experiência vivenciada para os leitores, os autores não renegarão suas opções éticas e políticas, em razão de excessivas objetividade e cientificidade. Talvez a originalidade da pesquisa repose dos resultados espontâneos das agências: diálogos, divergências, (des)encontros, silêncios, esperas de respostas, dúvidas, e indignações, dentre tantas outras.

#### 4. Análise e Discussão dos resultados

Resultados convocados das plataformas do Movimento referenciam, por notícias, artigos de opinião e audiovisuais, análises de conjuntura político-social e imagens da participação de subjetividades ativistas. Pensamos, como tela ilustrativa, o termo chave *juventude*, não realizado aleatoriamente. Estudos sobre os jovens do campo demonstram os tensionamentos de dois universos sociais e simbólicos - rural e urbano. As pesquisas formulam hipóteses sobre a perda da importância da atividade e da consciência do mundo agrícola em relação às oportunidades do mundo corporativo: emprego fixo e carteira assinada. A mobilidade campo-cidade dos jovens, em números expressivos, demonstra, certamente, sequestros de matrizes culturais, mas há evidências de reelabo-

---

11 Segundo Castells (2005, 2015), nas sociedades em rede, o real e o virtual se interpenetram. Toda realidade é apreendida de maneira virtual, porém a virtualidade real reside quando a realidade é introjetada em imagens virtuais ressignificando nossas experiências.

ração das identificações em regiões “rurbanas”: comunidades camponesas presentes nas periferias urbanas.

A averiguação do termo juventude, nos ecossistemas de comunicação do MST, no tempo desse escrito, remeteu a notícias, vídeos e fóruns sobre a realização do 15º Acampamento Pedagógico da Juventude Sem-Terra Oziel Alves Pereira. Tratou-se de evento realizado, entre os dias 10 a 17 de abril de 2021, rememorando o dia 17 de abril de 1996, data conhecida internacionalmente como o Massacre de Eldorado dos Carajás. Aproximadamente 1.500 famílias de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra se deslocavam, em marcha, para a capital paraense quando foram assassinadas<sup>12</sup> por agentes do batalhão da polícia militar do estado Pará. Nossos exercícios de escuta junto a sobreviventes e familiares demonstram que há conhecidos de familiares desaparecidos não foram contabilizados: a morte de 21 pessoas na chamada Curva do S.<sup>13</sup> Aproximadamente 350 jovens debateram o tema: “A conjuntura e o impacto da vida da juventude: desigualdades, resistência e solidariedade”. Nossa observação não participante partiu de três dimensões: leitura e análise de postagens dos diários da juventude<sup>14</sup> publicados no site oficial do Movimento; leitura e análise do Manifesto da Juventude Sem-Terra a “Esperançar”<sup>15</sup> e diálogos, via WhatsApp, outras redes sociais e e-mails, com alguns participantes. Percebemos que o roteiro das reflexões manteve similaridade com os anteriormente e presencialmente realizados, na Curva do S. As programações iniciaram com a realização de Mística<sup>16</sup>, durante os dias, precedida de oficinas, alvordas por *playlist*, leituras de crônicas, análises de conjuntura, links da cultura com atividades de música e dança, leituras, socialização de experiências, plenárias e o fechamento simbólico da Curva do S durante 21 minutos em memória dos 21 mártires do massacre. Vale complementar que, atividades paralelas foram realizadas: ações de agitação e propaganda nas redes sociais; doação de alimentos e produtos de higiene<sup>17</sup> e plantio de mudas em acampamentos e assentamentos do MST. Acompanhar o debate, antes de quaisquer anotações, fez emergir cruzamentos das vivências dos anos anteriores à net presença (Caderno de campo, 2021).

As três dimensões analisadas são alinhadas às considerações apresentadas no programa *Análise de Conjuntura* do canal do *Youtube*. Compreende-se que a Pandemia do Covid-19 não se restringe à crise sanitária ou a evento inesperado. Em tons de crise sistêmica, as críticas ganharam arquitetura estrutural: a perda de vidas que poderiam ser evitadas; a insegurança alimentar e da saúde da população; o debate anticidência; as

12 O termo nos parece apropriado, se consultado o laudo da perícia do Laboratório de Fonética Forense e Processamento de Imagens da Unicamp.

13 Trecho da rodovia BR-155, entre os municípios de Marabá e Eldorado do Carajás/ Pará.

14 Documentos sínteses do evento.

15 Acessar: <https://mst.org.br/2021/04/19/acampamento-pedagogico-manifesto-da-juventude-sem-terra-a-esperancar/>

16 Ação capaz de motivar, animar, confraternizar e fazer vibrar a combatividade para a luta de uma causa, podendo ser compreendida por multidimensões ou pelas confluências dessas: fé à solução de problemas sociais; a luta de classes pelo fazer lúdico; consciência de pertencimento de uma causa, práxis pedagógica, como formação política e renovação da militância. (Possas & Silva, 2019)

17 As informações do site do Movimento indicam que na época quatro mil toneladas de alimentos orgânicos foram doadas nacionalmente.

políticas da desinformação e o drama ambiental, econômico, social e político brasileiro consubstanciando recordes de lucros do capital financeiro. As dimensões exaltam as ações de solidariedade do Movimento no campo e na periferia das cidades e reafirma a importância das práticas agroecológicas<sup>18</sup> e do trabalho de base na formação de novas massas críticas. O manancial de informações demonstra leitura política que vê a Pandemia como tensor de conexões e problemáticas globais às locais. O Manifesto, anteriormente citado, não utiliza o termo, mas insinua, em tons acentuados, que o racismo institucional brasileiro dificulta e impede o acesso a direitos constitucionais basilares e fundamentais no período: atenção à saúde básica e à educação de qualidade. Há racismos nos despejos de ocupações de terra, mesmo proibidos pela Lei 14.216/2021, bem como na predação de territórios de populações tradicionais pela atividade ilegal e mortal de mineração e extração de madeira. Por nossas interpretações, o Manifesto reafirma as contradições das crises, ora fortalecendo, ora abalando o seu sistema protetivo: sustentável e insustentável às explorações mais predatórias (Caderno de campo, 2021).

Com Parra (2018, p.341), pensamos o fenômeno sociotécnico:

Que formas a resistência e a ação criativa podem assumir diante da sociedade de controle? É possível resistir através das mesmas tecnologias que a constituem? Como constituir um fora? Quais são os efeitos de poder, as formas de produção de valor, os regimes de dominação e hegemonia que emergem quando boa parte de nossa interação e comunicação digital acontece mediada por tecnologias corporativas (do hardware ao software, dos smartphones às plataformas como Google e Facebook)? Que relações de autonomia podemos estabelecer quando desejamos e produzimos os próprios ambientes que informam e controlam nossa vida tecnicamente mediada?

Corpos *sentipensantes* afetados diretamente pelas problemáticas estruturais da sociedade brasileira, os Movimentos Sociais demonstram expertises reativas e antecipatórias, *insights* fundamentais para maturação na disputa do poder. Castells (2015) denomina essas fissuras, no controle corporativo das redes de comunicação de autocomunicação de massa, como exercício e a ampliação da autonomia dos sujeitos comunicantes na produção, emissão e recepção de mensagens. Uma disputa desigual, mas reativa da sociedade civil e dos atores sócio políticos não institucionais. Na observação da organização do Acampamento da Juventude de 2021, a vida virtual, em certas ocasiões, tornou-se mais social que a vida física. O Acampamento, sua organização, engajamentos, propósitos políticos e a aderência das questões alcançaram novos públicos.

Se o exercício do poder nunca foi limitado ao Estado, as práticas tecno-ativistas elaboram um espectro de Estado virtual que extrapola os sentidos mais habituais conhecidos e propagados pelo mundo corporativo. Outras traduções de Bem Viver Digital permitem acessar arranjos coletivos e emancipatórios, pelas redes sociotécnicas, além

---

18 A agroecologia constitui-se campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência. Extrapola, portanto, o simples tratar sobre o manejo ecologicamente responsável de recursos.

de ampliar a autonomia dos Movimentos e a difusão de outras formas possíveis de vida pensante nas fronteiras da datificação. *Bem Viver* em substituição do *viver bem*.

Figura 1. Arte MST



Fuente: recuperado de <https://mst.org.br/>

Utilizamos a poética de André Lemos<sup>19</sup> para *insight* sobre os atravessamentos do Eu nos dispositivos de datificação. O projeto estético sugere a perseguição de subjetividades digitais múltiplas, podendo ser racista, narcisista, corporativa e revolucionária: o algoritmo. Ele, imbricado nas bordas e nos atritos da vida social, política, econômica, cultural e psíquica constitui-se como um estranho vilão familiar, sob a forma de duplo, se recorrêssemos aos estudos freudianos.<sup>20</sup>

19 Professor Titular do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da UFBA: Poema — ATMI ([affecting-technologies.org](http://affecting-technologies.org))

20 De experiências cotidianas ao conto “O homem de areia” de Ernest T. A. Hoffmann, Freud tratava de “estranhezas perturbadoras”: sócias, gêmeos, sombras e ecos. Referenciamos o estudo para descrever nossa sensação de incerteza e incômodo intelectual diante das encenações lúdicas de subjetividades nos ambientes digitais.

Figura 2. Poema André Lemos

Algoritmo	Algorithm
Algo dita o ritmo, Linguagem que é, rito Previsto e construído.	Something sets <i>the</i> pace, A language, a foreseen Rite built and traced.
Algo escapa ao dito Rito quando inscrito, Provocado e agido.	Something escapes the spoken Rite when <i>it is</i> provoked, Enacted and written.
Algo é o outro descrito No script construído Programado e banido.	Something is the other prescript, In <i>the</i> constrained, <i>banned</i> And programmed script.
Algo se perde no risco, Premonição inaudível Dos acidentes benditos.	Something is lost in brisk Inaudible premonitions, Deflections of blessed risks.
Algo interpela o ritmo, Nas bordas e nos atritos, Algozes dos algoritmos.	Something challenges the rhythms, Friction at rough edges, Garroters of algorithms.

Fuente: recuperado de affecting-technologies.org

Como “não há no psíquico nada que seja arbitrário ou indeterminado” (Freud, 1901/2006, p. 240), a palavra *algo*, na perseguição de uma explicação, para os estranhos familiares atravessados na pesquisa, evoca anotações etnográficas junto à juventude do MST.

O acampamento virtual foi forte e deu muito trabalho à organicidade. Montamos pontos de conexão com a presença de coletivos conectados. Estávamos preocupados com o distanciamento e isolamento. Isso poderia ferir nosso senso de coletivo em formação. Estávamos assistindo massas conectadas em redes de exaltação do egoísmo e da superficialidade: *showzinho* e *lives*. Mas o acampamento foi a nossa cara e incrivelmente parecido com os dos anos anteriores em que estávamos todos reunidos. Foi a cara do Movimento e a cara da juventude fazendo as lutas da diversidade se juntarem com as do latifúndio. A gente superou a tristeza da pandemia: companheiros tombaram e adoeceram. Outros seguiram o canto da sereia do Capital. Mas não perdemos a chance de nos reunir, mesmo com todos os cuidados necessários: vacina, máscara e álcool gel. Ajudamos, em todo o Brasil, na doação de toneladas de solidariedade com comida. Sem essa ajuda poderia ser pior. Esse governo da morte lavou as mãos. Foram as redes de solidariedade que assumiram a saúde e a alimentação. Como falamos: “comida no prato e vacina no braço”. *A jovem demonstrava sua indignação diante de subjetividades fúteis das redes. Teatros de exaltação do se cuide consumindo. Era preciso que o ativismo e seu senso de coletivo demonstrasse que poderia ser o que sempre foi pelas redes. Incômodos e indignações. [Grifo e comentário do pesquisador]* (Caderno de campo, 2021)

Parafraseando Saussure (2008), se as línguas têm seus pares significantes antitéticos, as culturas digitais não escapam das cadeias de significantes em fricções. Ironicamente,

jovens ativistas e homens-empresa, em retroalimentação de sentidos, para o reforço dos discursos “antagonistas”.

Congregar as perspectivas dos analistas às discursividades dos jovens militantes não significa, como diz Siqueira (2005), mero jogo de aceitação dos sentidos nativos, mas não há como desprezar que nossas críticas partam da incômoda presença e atuação do outro: chave de leitura para performatividade digital em convergências, nas divergências, de duplos.

As falas dos jovens, às vezes em coro de indignação, ressaltaram que a luta só crescia e fazia sentido com o avanço sistemático e mais recente do capitalismo e das ações cada vez mais genocidas das políticas de morte deste não governo sequestrado pelas pautas das oligarquias históricas que canibalizam o legislativo federal, estadual e municipal, salvo exceções. Essa indignação fortaleceu a experiência militante e, de certo modo, era educabilidade para política aos participantes do acampamento. Não foram raros os momentos em que o capitalismo era associado ao leviatã predador de bens, do trabalho, da saúde e da vida daqueles em situação de pobreza. A democracia é pequena. Não tem receita mágica, diziam, não cabendo igualdade nesse jeito de desviver: *‘essas crises só fazem a gente manter viva a militância, mas isso só é possível quando se reúne, mesmo que seja no remoto. É uma energia diferente, mas que dá ânimo e a esperança de que teremos a força para enfrentar o pior que ainda vem’ [grifo nosso]* (Caderno de campo, 2021)

Não são raros os lamentos, nos nossos testemunhos de pesquisa de campo, sobre a substituição do trabalho familiar camponês pelo desejo de se ingressar nos estágios e nos empregos dos empreendimentos privados. Em contrapartida, nunca haverá espaço razoável para o exercício dos preceitos neoliberais mais radicais, sem seu contraditório que, inconscientemente na maioria das vezes, sobreleva os limites do seu controle no corpo social. Não há crítica razoável de um, sem o léxico discursivo de outrem. Assim, constituem-se os duplos ou como diria Latour (1994), os híbridos.

## Conclusões

Na especularidade das redes digitais, os tensionamentos históricos entre os *tecnopólios* e as subjetividades ativistas nos remete à estatura da democracia, ínfima considerando desobediências e descumprimentos do Estado democrático de direito. As liberdades e suas conquistas, no cenário mais pessimista do liberalismo, estão em compasso com as ameaças impostas pelo Estado que se faz empresa. À questão, o que se convencionou chamar de democracia digital nos parece ainda construção intuitiva e incipiente, sendo exigidas mais clareza e pesquisas de contornos mais assertivos. Há, inclusive, sua forte associação à democracia dita liberal, o que nos faz pensar de qual democracia queremos falar ou que verdadeiramente deve se impor? Quem a concebe, usufrui e faz seu exercício? E a que intento?

Chauí *et al* (2019), a juventude sem-terra e os autores desse escrito pensam só fazer sentido a existência de experiências sociopolíticas pautadas pela isonomia - igualdade

substantiva dos cidadãos perante a lei - e da isegoria - direito de todos de expor em público suas opiniões, se, pelo reconhecimento histórico das lutas de classes, forem reconfiguradas críticas e proposições de rupturas à sacralidade da propriedade privada, à condensação e concentração da potência econômica, à exploração pelo trabalho. Se há a pior das crises na democracia, ela reside na impotência de algumas subjetividades das classes trabalhadoras e de alguns movimentos sociais, esses órfãos de ações políticas de enfrentamento à crise civilizatória.

A democracia é a única forma sociopolítica na qual o caráter popular do poder e das lutas tende a evidenciar-se nas sociedades de classes, na medida em que os direitos só ampliam seu alcance ou só surgem como novos pela ação das classes populares contra a cristalização jurídico-política que favorece a classe dominante. Em outras palavras, a marca da democracia moderna, permitindo sua passagem de democracia liberal à democracia social, encontra-se no fato de que somente as classes populares e os excluídos (as “minorias”) sentem a exigência de reivindicar direitos e criar novos direitos. (Chauí *et al.*, 2019, p. 12)

Testemunhamos a proliferação de governos populistas autoritários, nas tragédias do nosso tempo e a democracia liberal tratada como regramento institucional democrático fundamental necessitando de salvação. Precisamos, por esse pensamento regrador, salvaguardar a independência dos poderes e resguardar as instituições. Mas, se por perspectiva razoável, pensarmos que esse quadro de ressacas ditatoriais é consequência dos limites ou mesmo do fracasso da democracia liberal? Os perigos no jogo democrático são históricos! Das experiências sociais da Pólis grega, suas tensões, ambiguidades e encenações trágicas da ética política, para as ameaças dos populistas autoritários nas entranhas das redes ditas sociais e nas instituições, as crises evidenciam colapsos na comunicação entre governantes e governados:

total decomposição do sistema político [inclusive] do Brasil”, com abertura de espaços para o surgimento oportunista de partidos nacionalistas, xenofóbicos e críticos da velha política, por práticas, guardiã de antigos hábitos: “bancos fraudulentos são salvos com o dinheiro dos contribuintes, enquanto são reduzidos serviços básicos para a vida das pessoas (Castells 2018, p. 08, 14).

Castells (2018, p.85) - também podemos perceber reflexão similar no Acampamento da Juventude do MST virtual de 2021 e nos eventos presenciais de anos anteriores - enfatiza a contribuição dos Movimentos e suas “lições analíticas e lampejos de esperanças”, como na reinvenção de se lutar pela terra com a inserção de novos atores políticos e sociais, um exercício extremamente saudável de reconfiguração das instituições - inclusive do próprio MST - sem que haja a cooptação do pensamento por redes e algoritmos oportunos. Essa massa crítica diversa demonstra enfrentamento dos caudilhos do Estado Leviatã, tão bem reconhecido pela injustiça social, manipulação e controle da informação e da verdade. Há nessa força reativa a vontade de um contrapoder

alegre, festivo e domesticador do capital, agente da tristeza ou dos afetos subtraindo a potência do agir, ao reconfigurar angústias, dominação e a felicidade comprada (Deleuze & Parnet, 1996). Nesse sentido, a alegria de resistir está na recusa e na excedência do diagrama triste que exalta o gozo do desempenho e o pseudo lucro obtido de tanto trabalhar. Essa felicidade militante, certamente, é desafiadora para se constituir afecções potencializadoras em contextos de democracia de baixa intensidade e caricaturais.

A juventude sem-terra e os autores do escrito desconfiam das soluções e explicações mágicas, individuais e rápidas para as problemáticas sociais. A liberdade e a igualdade são, em grande medida, incompatíveis com a democracia burguesa. Max Weber, no seu contexto histórico, geográfico, econômico e cultural (democracia russa de 1905) já antecipava a incongruência:

É ridículo no mais alto grau imaginar qualquer afinidade eletiva entre “democracia “ou a “liberdade (em qualquer sentido que essas palavras possam ter) e o alto capitalismo de nossos dias – fase “inevitável do nosso desenvolvimento econômico [...] (Weber, 2005, p. 103).

Parece-nos importante dimensionar os sentidos de rede observados na atuação das subjetividades políticas do *E-MST*, especialmente em tempos de crise sanitária sistêmica. Até janeiro de 2022 foram doadas 250 mil toneladas de alimento limpo em 24 estados brasileiros<sup>21</sup>. Nada incomum para um percurso histórico que faz interconexões de atores da agroecologia familiar com as feiras dos povos do campo, as pesquisas acadêmicas sobre os direitos humanos e os grupos de *WhatsApp* com propósitos solidários. Por nossa etnografia visual, destaca-se a doação de cestas básicas ao Povo Indígena *Warao* instalado em condições insalubres na cidade de Marabá/Pará. Os *Warao* são o segundo maior grupo indígena da Venezuela. Em razão de impactos do capitalismo em seus territórios, passaram a estabelecer ciclos de deslocamentos para os centros urbanos. Em 2016, em consequência dos problemas de desabastecimento de produtos básicos, hiperinflação e a violência, iniciaram deslocamentos transfronteiriços, em grande intensidade, ao Brasil. A situação não é menos diferente em outras cidades brasileiras. Não é incomum as prefeituras receptoras pensarem os indígenas como estorvo agravante de crises. Esses lamentos são estratégicos para a ausência proposital de políticas públicas mais sérias e definitivas aos povos migrantes (Caderno de campo, 2021).

---

21 Ver: <https://mst.org.br/2022/01/14/mst-ultrapassa-6-mil-toneladas-de-alimentos-doados-durante-a-pandemia/>

**Figura 3. MST e Povo Indígena Warao**



Nota: Caderno de campo dos autores

Essa confluência de solidariedades sinaliza reconfigurações da ação e da educabilidade coletiva-política, o que Nello *et al* (2022), a partir da análise de experiências de Movimentos Sociais no mundo, compreendem como emersão de uma geografia complexa de solidariedades frente às vicissitudes do senso comum individualista hegemônico: práticas vivas de Bem Viver.<sup>22</sup>

Ciclos inovadores de Movimentos Sociais na América Latina, como o Zapatismo virtual<sup>23</sup> e o *E-MST*, dentre outros, demonstram o exercício da ética do nós pelas fronteiras porosas das lutas presenciais na virtualidade: “O facão que transborda as fronteiras e traça o itinerário de novos mapas possíveis” (Stédile, 2022). Coparticipação, deliberação coletiva e práticas concretas de soberania tecnológica popular por uma gramática das dissidências: protetiva dos direitos e da construção de alternativas tangíveis diante dos anúncios de recessões, gestões de austeridade, catástrofes climáticas, disrupções digitais e a redescoberta da interação de iniciativas cidadãs com as políticas públicas (Nello *et al*, 2022). Esperançar aos espaços mais agonizantes de liberdade e igualdade. Respostas às problemáticas estruturais às conjunturais impostas por marco social-civilizatório de léxico recente e proliferante: colonialismo de dados, colonialismo digital, capitalismo de vigilância, capitalismo de plataforma, datificação e modulação.

22 Como um dos mais significativos marcos filosóficos do pensamento latino-americano, visando restabelecer formas organizadas ou constructos políticos coletivos emancipadores, desconstruindo práticas individualistas-capitalistas.

23 O Exército Zapatista de Libertação Nacional-EZLN surgiu em Chiapas, estado mais pobre do México, na região da Selva Lacandona, na década de 50 do Século XX. Os marcos de suas propostas nunca couberam nas mídias majoritárias mexicanas, o que levou os levantes ciberativistas à utilização de múltiplas plataformas.

## Referências

- Berardi, F. (2005). *A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da New Economy*. In *A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da new economy* (pp. 167-167).
- BRAGA, A. (2008). *Netnografia: possibilidades e limites da observação não-participante*. Personae Materno-Eletrônicas. Porto Alegre: Sulina.
- Cardoso, B. (2018). Estado, tecnologias de segurança e normatividade neoliberal. *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*, 91-105.
- Carneiro, M. J. (1998). *O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais*. *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 95-117.
- Castells, M. (2015). *A comunicação na era digital. O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2005). *A sociedade em rede (Vol. 1, No. 6)*. São Paulo: Paz e terra.
- Castells, M. (2018). *Ruptura: A crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chauí, M., Mazzeo, A.C., Fontes, V.F & Miguel, L.F (2019). *Democracia em Colapso?* São Paulo: Boitempo/ Sesc.
- Dardot, P., & Laval, C. (2017). *A nova razão do mundo*: Boitempo editorial.
- Deleuze, G., & Parnet, C. (1996). *Diálogos*. Paris: Flammarion.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- De Saussure, F. (2008). *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix.
- Downing, J. D. (2002). *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac.
- Durão, P., Pinto, J. A. Algocracia S/A: O Poder Das Corporações E Seus Algoritmos Nas Sociedades Democráticas. *Revista do Direito Público*, 16(3), 192-206.
- Freud, S. (1901/2006). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, v. VI.
- Gillespie, T. (2018). A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*, 6(1), 95-121
- Haesbaert, R. (2004). Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. *Porto Alegre*. Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>
- Han, Byung-Chul. (2022). *Infocracia: La digitalización y la crisis de la democracia*. Tradução de Joaquim Chamorro Mielke. Barcelona: Taurus.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Editora 34.
- Latour, B. (1996). On actor-network theory. A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*, 47(4), 369-381.
- Lévy, P. (1993). *tecnologias da inteligência, As*. Editora 34.
- Mbembe, A. (2014). *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editora Antígona.
- MÉSZÁROS, I. (2021). Para além do leviatã: crítica do Estado. *São Paulo: Boitempo*.
- Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra. (2021). *Acampamento Pedagógico: Manifesto da Juventude Sem-Terra À Esperançar*. Recuperado de: <https://mst.org.br/2021/04/19/acampamento-pedagogico-manifesto-da-juventude-sem-terra-a-esperancar>.
- Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra. (2021). *O Acampamento que encoraja! Diário da Juventude Sem-Terra: 4º dia de Acampamento*. Recuperado de: <https://mst.org.br/2021/04/15/o-acampamento-que-encoraja-diario-da-juventude-sem-terra-4o-dia-de-acampamento>.
- Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra. (2021). *Arte MST*. Recuperado de: <https://mst.org.br/2021/04/19/acampamento-pedagogico-manifesto-da-juventude-sem-terra-a-esperancar/>.
- Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra. (2021). *O Acampamento Nacional da Juventude dá pontapé inicial na Jornada de Lutas do MST*. Recuperado de: <https://mst.org.br/2021/04/09/acampamento-nacional-da-juventude-da-pontape-inicial-na-jornada-de-lutas-do-mst/>.
- Nello, O., Blanco, I., Gomà, R. (2022). *El apoyo mutuo en tiempos de crisis, la solidaridad ciudadana durante la pandemia Covid-19*. Colección Grupos de Trabajo. CLACSO. Universitat Autònoma de Barcelona. Instituto de Estudios Regionales y Metropolitanos de Barcelona: Buenos Aires.
- ORTIZ, P. (1997). *¿@patistas on-line: una análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira* (Tese de maestria). Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Parra, H. Z. M. (2018). Experiências com tecno-ativistas: resistências na política do dividual. *Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem*.
- Peirano, M. (2008). Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (2).
- Possas, H., Silva, J. (2019). *Territorialidades do mistério: A mística no Acampamento Pedagógico da Juventude Oziel Alves Pereira-MST*. Recuperado de: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1440>
- Possas, H., (2021). *Caderno de campo*.

- Rouvroy, A., & Berns, T. (2015). *Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação?*. *Revista Eco-Pós*, 18(2), 36-56.
- Siqueira, P. (2005). "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, 13(13), 155-161.
- Stédile, J.,. *Rompe el mapa el filo del machete: el internacionalismo de los Sin Tierra. Tercera información*. Recuperado de: <https://www.tercerainformacion.es/opinion/14/07/2022/rompe-el-mapa-el-filo-del-machete-el-internacionalismo-de-los-sin-tierra/>
- Um poema de André Lemos. (2018). Recuperado de: <http://book.affecting-technologies.org/poema/>.
- Weber, M. (2005). *Estudos políticos - Rússia 1905-1917*. São Paulo: Ed. Azougue.
- Wittgenstein, L. (1999). *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural.